

JOSÉ RIBEIRO FERREIRA  
PAULA BARATA DIAS  
Coordenação

# Fluir Perene

A cultura clássica  
em escritores portugueses  
contemporâneos



Coimbra • Imprensa da Universidade



MinervaCoimbra

COORDENAÇÃO EDITORIAL  
Imprensa da Universidade de Coimbra

CONCEPÇÃO GRÁFICA  
António Barros

PAGINAÇÃO  
António Resende  
[Universidade de Coimbra]

EXECUÇÃO GRÁFICA  
G.C. – Gráfica de Coimbra, Lda.  
Rua do Progresso, 13 • Palheira – Assafarge  
Telef.: 239 802 450 – Fax: 239 802 459

ISBN  
972-8704-20-8

DEPÓSITO LEGAL  
211155/04

© ABRIL 2004, IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

OBRA PUBLICADA COM O APOIO DE:  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

JOSÉ RIBEIRO FERREIRA

PAULA BARATA DIAS

COORDENAÇÃO

# Fluir Perene

A cultura clássica em  
escritores portugueses contemporâneos

## AUTORES

Fernando Pinto do Amaral

José Carlos Seabra Pereira

Maria Helena da Rocha Pereira

Ana Paula Arnaut

Luísa de Nazaré Ferreira

José Ribeiro Ferreira

Mário Garcia

Isabel Pires de Lima

Fernando Guimarães

Oswaldo Manuel Silvestre

Walter de Medeiros

Maria João Borges

Teresa Cristina Cerdeira da Silva



Coimbra • Imprensa da Universidade • 2004



MinervaCoimbra



## TEMAS CLÁSSICOS NA POESIA DE PAULO TEIXEIRA

À cultura clássica e aos dados e elementos culturais do mundo greco-romano recorre com frequência Paulo Teixeira, cuja poesia, no dizer de António Guerreiro no *Expresso*, manifesta uma concepção do tempo fora da história, como uma memória voluntária. Estamos perante um presente de um passado que, como nota Joaquim Manuel Magalhães, move os poemas «que confiam na memória como depósito de fulgurações que parecem afirmar o poeta como elo de continuidade perdurantes dentro do inescapável desgaste do tempo»<sup>(1)</sup>. Trata-se de uma obra marcada pela incorporação omnívora da tradição cultural do Ocidente, num processo que vai transferindo toda essa pluralidade para a linguagem do poema<sup>(2)</sup>.

Os mitos são os de maior ocorrência, quer se trate de deuses, quer de heróis, quer de monstros, como Górgonas (*ID*, p. 60)<sup>(3)</sup>; quer de episódios famosos como o da despedida de Heitor e Andrómaca na *Ilíada*, por exemplo. Os deuses, no entanto, ocorrem com frequência bastante menor em relação aos heróis. Por vezes, sobretudo no que respeita às divindades, deparamos com a sua simples nomeação: Febo (*IV*, p. 50 e *AM*, p. 35)<sup>(4)</sup>,

---

(\*) Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

(1) Respectivamente, António GUERREIRO, *Expresso* de 15 de Março de 1994; Joaquim Manuel MAGALHÃES, *Um Pouco de Morte*, Lisboa, 1989, p. o.

(2) António Pinto do AMARAL, *Público*, 21.6.1991.

(3) Na exposição utilizarei as seguintes siglas: *IV* = *As Imaginações da Verdade*, Lisboa, Caminho, 1985; *RB* = *A Região Brilhante* Lisboa, Caminho, 1988; *ID* = *Inventário e Despedida*, Lisboa, Caminho, 1991; *AM* = *Arte da Memória*, Lisboa, Caminho, 1992; *RE* = *O Rapto de Europa*, Lisboa, Caminho, 1993; *E* = *As Esperas e outros poemas*, Lisboa, Caminho, 1997.

(4) É bem possível que estejamos perante uma confusão de Febo com efebo, sobretudo no segundo caso.

Priapo (RB, p. 37), Hades (AM, p. 31) e Afrodite com o nome de Citera (AM, p. 53). Outras vezes porém, e logo desde o primeiro livro, *As Imaginações da Verdade* (1985), encontramos referências mais extensas: Byron, que lutou pela liberdade da Grécia moderna contra os Turcos, a dizer imaginariamente ao rei espartano Leónidas, herói das Termópilas, que nessa mesma noite ceirão «com Plutão a sós» (IV, p. 42). Shelley (IV, p. 44) considera que

O amor é um deus bifronte  
e como Jano o passado e o futuro  
sustendo em cada mão.

Sophia Stacey é comparada, ao sair das águas, a «uma vénus emprestada ao quadro de Botticelli». Um poema de *O Rapto de Europa* (1993) fala das «estátuas milenares a Hermes e Diana» (p. 26), enquanto em *As Esperas e outros poemas* (1997), a composição «Symphonia viduarum» (p. 39) alude às viúvas que se despem de todos os ornamentos, para que, ao olharem o espelho,

..... a pele se faça pura incrustação do tempo,  
à hora das Parcas subscreverem numa palavra o destino.

Muito mais frequentes do que as alusões a divindades são as nomeações de heróis e os passos com eles relacionados: Orfeu e Eurídice (RB, p. 40 e 96), Hércules e Mégara (IV, p. 63), Heitor e Andrómaca (RB, p. 13-14), Aquiles (IV, p. 23-24 e RB, p. 38), Pátroclo (IV, p. 23-24), Ulisses (IV, p. 91), Cassandra e o seu dom profético (ID, p. 53), Tirésias (ID, p. 20), Dido (IV, p. 68), Ícaro na sua qualidade de herói da *hybris* (RB, p. 81); o país que faz lembrar «Tróia, sem estância heróica», e o chefe de Estado que se compara a «Príamo, sem ter sido morto às mãos de Pirro» (E, p. 33). Como acabámos de verificar os heróis homéricos são dos mais assíduos. Aparecem a abrir, com o «Epicédio de Aquiles a Pátroclo» (p. 23-24), uma das partes de *As Imaginações da Verdade* que tem o significativo título de «Crestomatia de Eros», constituída por um conjunto de poemas (cartas, monólogos, confidências imaginárias) em que o amor aparece como linha de força de todos eles. O poema é um lamento do filho de Peleu pela morte do amigo, em que se realça a precariedade do homem em comparação com «os deuses que vivem sempre e não / conhecem nunca a morte», se fala de

«combates que são / o vinho e o pão destes dias / entre o mar e a terra distante» e se sublinha que, após a morte, «o dia não mais» se separa da noite; o poema termina com Aquiles a confessar que, sendo mortal, o seu engano foi «amar o que a morte também cobiça». O poema «Ulisses e o périplo do amor» (p. 91) tem subjacente a chegada de Ulisses a Ítaca no canto 13 da *Odisseia*, trazido pelos marinheiros feaces e depositado numa enseada da ilha. Assim começa o poema:

Enseada ao entardecer. No remanso das pedras  
dorme o deus, antes e depois do peso ostensivo  
da viagem. Ítaca – antes ou depois? Estuante  
um vento ligeiro sopra desde os ombros  
truculentos da falésia, protelando a espera,  
derradeira condição de sobrevivência, no pátio  
retiro desta tarde.

Outro poema, em que os heróis homéricos voltam a ser centrais, encontra-se na colectânea *A região Brilhante* (1988). Com o título de «Despedida de Heitor a Andrómaca» (p. 13-14), alude ao episódio famoso da *Ilíada* e demonstra bons conhecimentos da referida epopeia. Merece citação completa:

Escuta o pequeno grito que me saiu  
por último da garganta, antes ainda  
que os meus olhos tivessem tempo de beber  
na aurora cor de açafão a claridade do dia  
que nascia. Agora que estou morto ou quase  
não me chega já aos ouvidos o eco desses  
hinos entoados com voz cansada frente à roca  
e ao tear. Se descesses pela colina a ver  
as naus e a corrente do Xanto, avistarias  
ao longe, não longe de Ílion, as fogueiras  
acesas dos Aqueus, onde o meu corpo já quase  
não respira e três vezes em vão rodou

em volta do túmulo do filho morto de Menécio.  
Não ressuscitou ele, por muito que o tivesse

amado Aquiles. Eu, rosto afundado na terra,  
queria que o dia brilhasse antes de se fecharem  
os meus olhos para a sede que nesta hora da alma  
me sobe aos poucos. Não me conseguirás despertar,  
por mais que queiras, antes que do teu nome  
me lembre pela última vez e da noite, onde,  
vivendo para sempre, não terei lugar guardado  
para o sonho que me resta: esse frémito  
que sucederá sobre a terra à minha voz  
e ao crepúsculo que te banhava, ontem ainda,  
de ondas imperceptíveis a branca carne rosada.

Estão presentes vários elementos homéricos como a sugestão do epíteto «aurora de dedos róseos» por «aurora cor de açafreão»; Andrómaca, cujo ideal em Homero residia no meticuloso cuidado com os afazeres da casa, entoa aqui hinos «com voz cansada frente à roca e ao tear»; alude-se à morte de Pátroclo e à dor sentida por Aquiles, à vingança cruel que o herói exerce sobre Heitor e aos maus-tratos que inflige ao seu cadáver, arrastando-o, atrelado ao carro, por três vezes em volta da pira do amigo.

Outro par amoroso de heróis é o de Orfeu e Eurídice. Num poema de *A Região Brilhante*, dedicado a Paul Éluard (p. 40), o sujeito poético refere que trouxe

..... Eurídice das profundezas  
onde descí, subtraí-te ao pequeno orfeu quotidiano  
para aclarares as brumas diurnas da cidade.

O cantor mítico e símbolo do poeta de novo aparece nomeado significativamente no último poema do mesmo livro e no seu derradeiro verso (p. 96). A composição, intitulada «Duas despedidas de Paul Celan», a segunda parte dela, refere que «o canibalismo da crítica, o contrabando do novo, a indústria do moderno» do verso subirá alto, mais do que o fumo das chaminés e que

o nome, enfim liberto, sem deus ou rasto seu  
já no esquivo título da canção,



subirá nesse declive de luz indecifrável  
da palavra que ficou morta em Auschwitz.  
No glaciário estendido sobre a mesa. Orfeu de olhos fechados.

Também encontramos com relativa assiduidade a referência aos autores gregos e romanos, quer se trate da sua simples nomeação, quer nos encontremos perante citações, paráfrases ou intertextualidades: por exemplo, Homero (RB, p. 94, AM, p. 39), Safo (IV, p. 25-26 e 70 e AM, p. 64), Anacreonte (RB, p. 15), Platão (IV, p. 18 e 90 e RB, p. 17-18), Lucrécio (RB, p. 59), Catulo e o seu amor por Lésbia (IV, p. 16 e RB, p. 19-20), Ovídio e o exílio em Tomos (IV, p. 16 e RB, p. 21-22), Séneca que recebe o epíteto de 'o Trágico' (RB, p. 91), Terêncio e o seu famoso verso 77 do *Heautontimorumenos* («O homem que se puniu a si mesmo»), que se tornou provérbio, *Homo sum: humani nihil a me alienum puto*, embora no poema de Paulo Teixeira apenas sugerido pelo *Homo sum* inicial seguido de reticências (E, p. 36).

Homero, Safo e Platão merecem particular atenção de Paulo Teixeira, cada um com três referências ou alusões, pelo menos. Homero, além de se encontrar subjacente ao «Epicédio de Aquiles a Pátroclo» acima referido, aparece ainda nomeado em mais duas composições: na página 94 de *A Região Brilhante* alude-se à sua lendária cegueira e, na *Arte da Memória*, o poema «Na gruta de Twickenham» fala dos «passos sussurrantes» com que o sujeito poético vai «recitando Homero à solidão» (p. 39).

Safo ainda adquire mais evidência na poesia de Paulo Teixeira. Além de uma simples nomeação na página 70 de *As Invenções da Verdade*, figura no título e constitui o tema de dois poemas — «Safo metamorfoseada em Eco no rochedo de Lêucade» de *As Imaginações da Verdade* (p. 25-26) e «Safo» (com a subtítulo *Winkel*) de *Arte da Memória* (p. 64). A primeira composição identifica a poetisa, acicatada pelo amor e metamorfoseada em Eco, com o marulho das ondas do mar nas rochas de Lêucade, a sua voz que mais não é «do que o eco sobrevivente» da voz amada, «sem êxito repetida»; mas, abraçada embora durante anos «à fúria incontida do mar», ela esquece a dor, «ébria da beleza», «para seguir o orfeico ofício / de assinalar aos ouvidos os sons do amor que não via». O poema faz-se eco evidente do fr. 31 Page de Anacreonte que reza assim:

De novo me lanço do rochedo de Lêucade  
e mergulho no mar cinzento, ébrio de amor.

Também a segunda composição parece ter subjacente o fragmento acabado de citar, cuja quadra final considera o mergulho nas águas como o «lugar onde o sono fale» «do último repouso (AM, p. 64):

Guardo na mão um sentimento como quem se faz ao mar,  
tendo por guia a ave que cruza sem rumo os espaços,  
fiel a uma escolha, o movimento do ar na plumagem.  
Um lugar onde o sono fale em mim do último repouso.

Quanto a Platão, por três vezes nos aparecem alusões a obras suas ou mesmo intertextualidades, duas das quais relacionadas com o amor: o poema «Watteau's idyll», de *As Imaginações da Verdade*, fala de «luz ardente», de «folhas caindo como penas, leves sobre nós», da paz que «desce coroando os nossos pensamentos» e apresenta os seguintes versos (p. 90):

..... debaixo de um plátano  
dormimos o sono do mundo, e da fresca  
fonte goteja um sonho marinho.

Neles é bem possível que esteja subjacente a cena famosa do *Fedro* em que o protagonista e Sócrates chegam a um local paradisíaco junto do Cefiso, se reclinam na relva, à sombra de um copado plátano e dissertam sobre o amor; enquanto a água fresca corre de uma fonte (*Fedro* 230b-c) — uma cena que aliás inspirou também a Eugénio de Andrade o famoso e sentido poema «Arredores de Atenas» (*Escrita da Terra*, Porto, <sup>5</sup>1983, p. 62)<sup>(5)</sup>.

Volta a ser o amor o tema do poema «Discurso de Platão a Alépsis» de *A Região Brilhante* (p. 17-18), em que se sente, nos versos que cito a seguir, a leitura e conhecimento do *Banquete* de Platão, uma obra que descreve a discussão havida durante o jantar comemorativo da vitória de Ágaton no concurso de tragédia de 416 a.c.:

..... Entras na sala, ébrio e cansado.  
como outrora Alcibíades na casa de Agatão.

---

<sup>(5)</sup> Vide supra p. 90-91, em que Maria Helena Rocha PEREIRA analisa este poema de Eugénio de Andrade.

Estes versos aludem ao passo do *Banquete* em que Alcibíades, já quase no fim da obra, chega meio embriagado e bate ruidosamente à porta (212c sqq.).

É possível que nos seguintes versos do poema «A arqueologia impossível» de *As Imaginações da Verdade* (IV, p. 18)

Sócrates lembramos abrindo os olhos  
da noite para o Egeu azul e as manhãs  
somadas confiando sem um adeus a Cãrmides  
e Critóbulo?

haja uma reminiscência do diálogo *Cãrmides* em que Sócrates, recém-chegado da campanha militar em Potideia (432 a.C.) — uma das poucas vezes em que se ausentou de Atenas —, discute com Cãrmides, Crítias e Querofonte a noção de prudência.

Merece ainda ser realçado este belo «Canto de Anacreonte a Smerdis», uma composição de *A Região Brilhante* (p. 15) que realça o amor do poeta de Teos pelo jovem Smerdis, de belos e longos cabelos, devido ao qual parece ter tido um conflito com Polícrates, tirano de Samos<sup>(6)</sup>:

As palavras iluminam o teu corpo, seduzido  
ainda por esse desenho paciente de vogais  
deixado com as marcas do nosso combate  
nas areias. Primeiro e último olhar  
arriscado sobre esses montes de neve  
e fogo, podes voltar ao adormecimento  
nos braços do teu senhor. Por cinco  
talentos não te venderia ele ao seu cantor.

Assim me deixa ele caminhar, passo a passo,  
sobre as vastidões de trigo do teu peito e o ouro  
desperdiçado nos teus cabelos. Dá-me a tua mão:  
quero com Dionysos festejar um instante  
esses lábios que sabem ao vinho novo de Samos.

---

<sup>(6)</sup> Sobre este jovem vide C. M. BOWRA, *Greek Lyric Poetry. From Alcman to Simonides*, Oxford, 1961, p. 277-280.

Frequentes ainda são as alusões a figuras históricas, como Cleópatra e Marco António, mais um par amoroso da «Crestomatia de Eros» do livro *As Imaginações da Verdade* (p. 27-28); Antínoo, a quem é dedicado o poema das páginas 29-30 da mesma secção e livro, com o seguinte subtítulo «Poema deixado aos pés de uma estátua»; Átila e Aníbal (*ID*, p. 18); Catão, o Censor, que dá o nome a toda uma secção de *Inventário e Despedida* (p. 73 sqq.) e constitui o título de um dos seus poemas (p. 83-84); Juliano (*ID*, p. 77-78).

Não de menor ocorrência — muito usuais mesmo — são as citações e os títulos em latim de muitos poemas, quer se trate de passos de autores clássicos, quer de expressões ligadas ao cristianismo. Apenas alguns exemplos: «Credo quia absurdum» (*IV*, p. 15); «Tacitis senescimus annis» (*RB*, p. 21), composição que termina com uma citação também em latim; «Qui Mariam absolvisti. Libera me» (*AM*, p. 66); «De temporum fine comoedia» (*ID*, p. 25) <sup>(7)</sup>.

Esta análise permite concluir que a maior parte dos poemas de tema clássico são de índole amorosa e fazem parte da «Crestomatia de Eros» de *As Imaginações da Verdade* e de «O amor inacabado» de *A região Brilhante*, (respectivamente com 4 e 5 poemas de tema clássico, além de outras alusões), duas secções constituídas por lamentações, monólogos, meditações, cartas atribuídas a personagens históricas ou lendárias, quer das sociedades antigas, quer modernas. Desse modo, munido de uma extensa informação dessas literaturas antigas e modernas e «apetrechado com um saber e saber-fazer discursivo» — para utilizar as palavras de António José Saraiva e Óscar Lopes — Paulo Teixeira «abeira-se da sensibilidade pós-moderna pela copresentificação, ou disponibilidade, das mais diversas memórias reais ou virtuais de leituras, viagens, experiências vividas supostas ou recriadas por uma proteica evocação verbal, com remates em geral elegíacos»<sup>(8)</sup>.

---

<sup>(7)</sup> Outros títulos e expressões latinas se podem encontrar em *RE*, p. 25, 26, 27, 28 e 29; *Patmos*, p. 44 e 49; *E*, p. 15 e 46.

<sup>(8)</sup> *História da Literatura Portuguesa*, 17ª edição, p. 1087.



